
ASSIM FALOU ZARATUSTRA, F. Nietzsche (1883)

Os Discursos de Zaratustra das Três Transformações

Três transformações do espírito vos menciono: como o espírito se muda em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança.

Há muitas coisas pesadas para o espírito, para o espírito forte e sólido, respeitável. A força deste espírito está bradando por coisas pesadas, e das mais pesadas.

Há o quer que seja pesado? — pergunta o espírito sólido. E ajoelha-se como camelo e quer que o carreguem bem. Que há mais pesado, heróis — pergunta o espírito sólido — a fim de eu o deitar sobre mim, para que a minha força se recreie?

No deserto mais solitário, porém, se efetua a segunda transformação: o espírito torna-se leão; quer conquistar a liberdade e ser senhor no seu próprio deserto.

Procura então o seu último senhor, quer ser seu inimigo e de seus dias; quer lutar pela vitória com o grande dragão.

Qual é o grande dragão a que o espírito já não quer chamar Deus, nem senhor?

“Tu deves”, assim se chama o grande dragão; mas o espírito do leão diz: “Eu quero”.

“Em mim brilha o valor de todas as coisas”.

“Todos os valores foram já criados, e eu sou todos os valores criados. Para o futuro não deve existir o “eu quero!” Assim falou o dragão.

Meus irmãos, que falta faz o leão no espírito? Não bastará a besta de carga que abdica e venera?

Criar valores novos é coisa que o leão ainda não pode; mas criar uma liberdade para a nova criação, isso pode-o o poder do leão.

Para criar a liberdade e um santo NÃO, mesmo perante o dever; para isso, meus irmãos, é preciso o leão.

Conquistar o direito de criar novos valores é a mais terrível apropriação aos olhos de um espírito sólido e respeitoso. Para ele isto é uma verdadeira rapina e coisa própria de um animal rapace.

Dizei-me, porém, irmãos: que poderá a criança fazer que não haja podido fazer o leão? Para que será preciso que o altivo leão se mude em criança?

A criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação.

Sim; para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso uma santa afirmação: o espírito quer agora a sua vontade, o que perdeu o mundo quer alcançar o seu mundo.

OS DEMÔNIOS, F. M. Dostoiévski (1871)

— De primeiríssima importância. Há duas espécies de suicida: aqueles que se matam ou por uma grande tristeza ou de raiva, ou por loucura, ou seja lá por que for... esses se matam de repente. Esses pensam pouco na dor, se matam de repente. E aqueles movidos pela razão — estes pensam muito.

— E por acaso há esse tipo que se mata por razão?

— Muitos. Se não houvesse preconceito esse número seria maior; muito maior; seriam todos.

— Mas todos mesmo?

Ele fez silêncio.

— E porventura não há meios de morrer sem dor?

— Imagine — parou ele diante de mim —, imagine uma pedra do tamanho de uma casa grande; ela está suspensa e você debaixo dela; se lhe cair em cima, na cabeça, sentirá dor?

— Uma pedra do tamanho de uma casa? É claro que dá medo.

— Não estou falando de medo; sentirá dor?

— Uma pedra do tamanho de uma montanha, milhões de puds (Medida antiga, correspondente a 16,3 kg. (N. do T.))? É claro que não há dor nenhuma.

— Mas se você realmente ficar debaixo, e enquanto ela estiver suspensa, vai ter muito medo de sentir dor. O primeiro cientista, o primeiro doutor, todos, todos sentirão muito medo. Cada um saberá que não sentirá dor e cada um terá muito medo de sentir dor.

— Bem, e a segunda causa, a grande?

— É o outro mundo.

— Ou seja, o castigo?

— Isso é indiferente. O outro mundo; só o outro mundo.

— Por acaso não há ateus que não acreditam absolutamente no outro mundo?

Tornou a calar-se.

— Você não estará julgando por si?

— Ninguém pode julgar senão por si mesmo — pronunciou ele enrubescendo. — Haverá toda a liberdade quando for indiferente viver ou não viver. Eis o objetivo de tudo.

— Objetivo? Neste caso é possível que ninguém queira viver?

— Ninguém — pronunciou de modo categórico.

— O homem teme a morte porque ama a vida, eis o meu entendimento — observei —, e assim a natureza ordenou.

— Isso é vil e aí está todo o engano! — os olhos dele brilharam. — A vida é dor, a vida é medo, e o homem é um infeliz. Hoje tudo é dor e medo. Hoje o homem ama a vida porque ama a dor e o medo. E foi assim que fizeram. Agora a vida se apresenta como dor e medo, e nisso está todo o engano. Hoje o homem ainda não é aquele homem. Haverá um novo homem, feliz e ativo. Aquele para quem for indiferente viver ou não viver será o novo homem. Quem vencer a dor e o medo, esse mesmo será Deus. E o outro Deus não existirá.

— Então, a seu ver o outro Deus existe mesmo?

— Não existe, mas ele existe. Na pedra não existe dor, mas no medo da pedra existe dor. Deus é a dor do medo da morte. Quem vencer a dor e o medo se tornará Deus. Então haverá uma nova vida, então haverá um novo homem, tudo novo... Então a história será dividida em duas partes: do gorila à destruição de Deus e da destruição de Deus...

— Ao gorila?

— À mudança física da terra e do homem. O homem será Deus e mudará fisicamente. O mundo mudará, e as coisas mudarão, e mudarão os pensamentos e todos os sentimentos. O que você acha, então o homem mudará fisicamente?

— Se for indiferente viver ou não viver, todos matarão uns aos outros e eis, talvez, em que haverá mudança.

— Isso é indiferente. Matarão o engano. Aquele que desejar a liberdade essencial deve atrever-se a matar-se. Aquele que se atrever a matar-se terá descoberto o segredo do engano. Além disso não há liberdade; nisso está tudo, além disso não há nada. Aquele que se atrever a matar-se será

Deus. Hoje qualquer um pode fazê-lo porque não haverá Deus nem haverá nada. Mas ninguém ainda o fez nenhuma vez.

— Houve milhões de suicidas.

— Mas nada com esse fim, tudo com medo e não com esse fim. Não com o fim de matar o medo. Aquele que se matar apenas para matar o medo imediatamente se tornará Deus.

— Talvez não consiga — observei.

— Isso é indiferente — respondeu baixinho, com uma altivez tranquila, quase com desdém. — Lamento que você pareça estar rindo — acrescentou meio minuto depois.

[...]

— Não vou adiar; é agora mesmo que quero me matar: são todos uns patifes!

— Isso sim é uma ideia; é claro que todos são uns patifes, e uma vez que para um homem decente viver no mundo é um asco, então...

— Imbecil, eu também sou um patife como tu, como todos, e não um homem decente. Não existe homem decente em lugar nenhum.

— Até que enfim adivinhou. Será que até hoje o senhor não compreendeu, Kirílov, com a sua inteligência, que todos são iguais, que não existem nem melhores nem piores, apenas mais inteligentes e mais tolos, e que se todos são patifes (o que, pensando bem, é um absurdo), então quer dizer que não deve haver não-patifes?

— Ah! Em realidade não estás rindo? — olhou Karmazínov com certa surpresa. — Falas com fervor e simplesmente... Será que gente como tu tem convicções?

— Kirílov, nunca pude compreender por que o senhor quer se matar. Sei apenas que é por convicção... por firmeza. Mas se o senhor sente a necessidade de, por assim dizer, desabafar, estou ao seu dispor... só que deve ter em vista o tempo...

— Que horas são?

— Veja só, duas em ponto — Piotr Stiepánovitch olhou para o relógio e acendeu um cigarro. "Parece que ainda se pode chegar a um acordo" — pensou consigo.

— Não tenho nada para te dizer — murmurou Kirílov.

— Lembro-me de que havia aí qualquer coisa sobre Deus... porque o senhor me explicou uma vez, aliás duas. Se o senhor se matar, então se tornará um deus, não parece que é assim?

— Sim, me tornarei um deus.

Piotr Stiepánovitch nem sequer sorriu; aguardava; Kirílov olhou sutilmente para ele.

— És um embusteiro político e um intrigante, estás querendo me levar a uma discussão de filosofia e ao entusiasmo e provocar a conciliação com o fim de dissipar a ira e, quando eu me reconciliar, me convencer a escrever que matei Chátov.

Piotr Stiepánovitch respondeu com uma candidez quase natural:

— Vamos que eu seja esse patife, só que no último minuto não lhe é indiferente, Kirílov? A troco de que brigamos, faça o favor de me dizer: o senhor é essa pessoa, e eu sou essa pessoa, o que se conclui daí? E para completar...

— Uns patifes.

— Sim, vamos que sejamos uns patifes. Mas o senhor sabe que isso são apenas palavras.

— Durante toda a vida eu não quis que fossem apenas palavras. Tenho vivido justamente porque nunca quis. Também agora, cada dia, quero que não sejam palavras.

— E daí, cada um procura o que é melhor. O peixe... cada um procura uma espécie de conforto; e eis tudo. Isso se sabe há muito e muito tempo.

— Conforto, é isso que estás dizendo?

— Bem, não vale a pena discutir por causa das palavras.

— Não, tu disseste bem; que seja conforto. Deus é necessário, por isso deve existir.

— Bem, ótimo.

— Mas eu sei que ele não existe nem pode existir.

— Isso é mais certo.

— Porventura não compreendes que um homem com dois pensamentos como esses não pode continuar entre os vivos?

— Então tem de suicidar-se?

— Será que não compreende que só por isso alguém pode se suicidar? Não compreendes que pode haver uma pessoa, uma pessoa em cada mil dos seus milhões, uma que não vai querer nem suportar?

— Compreendo apenas que, pelo que parece, o senhor está vacilando... isso é muito detestável.

— A ideia também devorou Stavróguin — andando com ar sombrio pelo quarto Kirílov não se deu conta dessa observação.

— Como? — Piotr Stiepánovitch aguçou o ouvido — que ideia? Ele mesmo lhe disse alguma coisa?

— Não, eu mesmo adivinhei: Stavróguin, se crê, crê que não crê. Mas se não crê, então não crê que crê.

— Bem, Stavróguin tem coisas mais inteligentes do que isso... — murmurou com rabugice Piotr Stiepánovitch, observando intranquilo o rumo da conversa e a palidez de Kirílov. "O diabo que o carregue, não vai se suicidar — pensava ele —, eu sempre pressenti; é esquisitice mental e nada mais; que droga de gente!"

— És a última pessoa a estar comigo: eu não gostaria de me despedir de ti de uma forma tola — brindou-lhe de súbito Kirílov.

Piotr Stiepánovitch não respondeu logo. "Com os diabos, o que significa mais isso?" — tornou a pensar.

— Acredite, Kirílov, que eu não tenho nada contra o senhor, que eu, pessoalmente, não tenho nada contra o senhor como pessoa e sempre...

— Tu és um patife de uma mente falsa. Mas sou igual a ti e vou me matar, mas tu continuarás vivo.

— Isto é, está querendo dizer que eu sou tão vil que vou querer continuar vivo?

Ainda não conseguia resolver se era vantajoso ou desvantajoso continuar a conversa naquele instante e decidiu "deixar-se levar pelas circunstâncias". Mas o tom de superioridade e de desprezo por ele que Kirílov nunca escondera sempre o havia irritado e, por algum motivo, agora mais que antes. Talvez porque Kirílov, que iria morrer em coisa de uma hora (apesar de tudo, Piotr Stiepánovitch tinha isso em vista), lhe parecia algo como um meio homem, algo assim a quem ele já não podia permitir arrogância.

— Parece que o senhor está se vangloriando diante de mim por que vai se suicidar.

— Sempre me surpreendeu que todos continuassem vivos — Kirílov não ouviu a observação dele.

— Hum! Convenhamos, isso é uma ideia, no entanto.

— És um macaco e fazes coro ao que eu digo com o intuito de me cativar. Cala a boca, não compreendes nada. Se não existe Deus, então eu sou Deus.

— Pois bem, nunca consegui compreender esse ponto do seu pensamento por que você é Deus?

— De Deus existe, então toda a vontade é Dele, e fora da vontade Dele nada posso. Se não existe, então toda a vontade é minha e sou obrigado a proclamar o arbítrio.

— Arbítrio? E por que obrigado?

— Porque toda a vontade passou a ser minha. Será que ninguém, em todo o planeta, depois de ter eliminado Deus e acreditado no arbítrio, não se atreve a proclamar o arbítrio no seu aspecto mais pleno? É o que ocorre com aquele pobre que recebe uma herança, fica assustado e não se atreve a chegar-se ao saco por se achar fraco para possuí-lo. Quero proclamar o arbítrio. Ainda que sozinho, mas o farei.

— E faça.

— Sou obrigado a me matar, porque o ponto mais importante do meu arbítrio é: eu mesmo me matar.

— Acontece, porém, que o senhor não é o único a se matar; há muitos suicidas.

— Movidos por uma causa. Mas sem nenhuma causa e tão somente para afirmar seu arbítrio, só eu.

“Não vai se suicidar” — tornou a passar pela cabeça de Piotr Stiepánovitch.

— Sabe de uma coisa — observou irritado —, no seu lugar, para mostrar meu arbítrio eu mataria qualquer um e não a mim mesmo. Poderia vir a ser útil. Eu indico a pessoa, se o senhor não se amedrontar. Nesse caso, não se mate hoje. Podemos fazer um acordo.

— Matar outra pessoa seria a parte mais vil do meu arbítrio; isso é para ti. Eu não sou tu: quero a parte suprema e vou me matar.

“Chegou a essa conclusão por juízo próprio” — rosnou raivoso Piotr Stiepánovitch.

— Sou obrigado a proclamar a descrença — Kirílov andava pela sala. — Para mim não existe ideia superior à de que Deus não existe. Tenho atrás de mim a história da humanidade. O homem não tem feito outra coisa senão inventar um deus para viver, sem se matar; nisso tem consistido toda a

história do mundo até hoje. Sou o único na história do mundo que pela primeira vez não quis inventar um deus. Que saibam de uma vez por todas.

“Não vai se suicidar” — inquietava-se Piotr Stiepánovitch.

— Quem o saberá? — provocava ele. — Aqui estamos eu e o senhor; seria Lipútín?

— Todos terão de saber; todos saberão. Não há nada secreto que não se torne evidente. Foi ele que disse.

E com um êxtase febril apontou para uma imagem do Salvador, diante da qual ardia uma lamparina. Piotr Stiepánovitch tomou-se de fúria.

— Quer dizer que ainda crê Nele e acendeu uma lamparina; não teria sido para “alguma eventualidade”?

O outro calava.

— Sabe de uma coisa, acho que o senhor crê, talvez até mais do que um pope.

— Em quem? Nele? Escuta — Kirílov parou, imóvel, olhando à sua frente com um olhar de delírio.

— Ouve uma grande ideia: um dia, no centro da terra havia três cruzeiros. Um dos crucificados cria tanto que disse ao outro: “Hoje estarás comigo no paraíso”. Terminou o dia, ambos morreram, foram-se e não encontraram nem paraíso nem ressurreição. A sentença não se justificou. Ouve: aquele homem era superior em toda a terra, era aquilo para o que ela teria de viver. Todo o planeta, com tudo o que há nele, sem aquele homem é uma loucura. Não houve uma pessoa assim nem antes nem depois Dele, e nunca haverá, nem por milagre. Nisso está o milagre de nunca ter havido e não haver jamais outro igual. E se é assim, se as leis da natureza não pouparam nem Aquele, não pouparam nem o seu milagre, mas obrigaram até Ele a viver no meio da mentira e morrer pela mentira, então quer dizer que todo o planeta é uma mentira e se sustenta na mentira e em um escárnio tolo. Portanto, as próprias leis do planeta são uma mentira e um vaudeville dos diabos. Para que viver; responde, se és homem?

— Esse é outro aspecto da questão. Parece-me que nesse seu pensamento dois diferentes motivos se confundem; e isso é muito suspeito. Mas veja, e se o senhor for um deus? Se a mentira acabou e o senhor percebeu que toda a mentira provinha do fato de que antes houve um deus?

— Até que enfim compreendeste! — bradou Kirílov em êxtase. — Então dá para compreender, se até uma pessoa como tu compreendeu! Agora compreendes que a salvação para todos está em provar a todos essa ideia. Quem a provará? Eu! Não compreendo como até hoje um ateu pôde saber que Deus não existe e não se matou no ato! É um absurdo alguém reconhecer que Deus

não existe e no mesmo instante não reconhecer que é um Deus, senão ele mesmo se mataria. Se você o reconhece, é um rei e você mesmo já não se matará e irá viver na mais alta glória. Mas um, aquele que foi o primeiro, deve se matar infalivelmente, senão quem irá começar e provar? Serei eu mesmo a me matar infalivelmente para começar e provar. Ainda sou apenas um Deus involuntário e sou infeliz por ser obrigado a proclamar meu arbítrio. Todos são infelizes porque todos temem proclamar seu arbítrio. O homem foi até hoje tão infeliz e pobre porque temeu proclamar a parte essencial do seu arbítrio e exagerou no arbítrio como um colegial. Sou terrivelmente infeliz porque sinto um terrível medo. O medo é a maldição do homem. Mas proclamo o meu arbítrio e sou obrigado a crer que não creio. Começarei, terminarei, e abrirei a porta. E salvarei. Só isso salvará todos os homens, e já na geração seguinte eles renascerão fisicamente; porque na feição física de hoje, segundo penso, será impossível ao homem passar sem o antigo Deus. Durante três anos procurei o atributo da minha divindade e o encontrei: o atributo da minha divindade é o Arbítrio! Isso é tudo com que posso revelar, em sua parte central, minha insubordinação e minha liberdade nova e terrível. Porque ela é muito terrível. Mato-me para dar provas de minha insubordinação e de minha liberdade terrível e nova.

OS IRMÃOS KARAMÁZOV, F. M. Dostoiévski (1881)

Segunda parte – Livro V: Pró e contra

IV. A REVOLTA

— Devo confessar-te uma coisa — começou Ivã. — Jamais pude compreender como se pode amar seu próximo. É precisamente, na minha ideia, o próximo que não se pode amar, ou somente a distância. Li, em alguma parte, a propósito de um santo, João, o Misericordioso, a quem um passante faminto e franzido de frio foi um dia suplicar que o aquecesse; o santo deitou-se com ele, tomou-o nos seus braços e se pôs a insuflar seu hálito na boca purulenta do infeliz, infectada por uma horrível moléstia. Estou persuadido de que fez isso com esforço, mentindo a si mesmo, num sentimento de amor ditado pelo dever e por espírito de penitência. Para que se possa amá-lo, é preciso que um homem esteja oculto; desde que ele mostra seu rosto, o amor desaparece. [...]

Quarta parte – Livro XI: O irmão Ivan Fiódorovitch

IV. A REVOLTA

[...]

— Imagina, na cabeça, isto é, no cérebro, há nervos... esses nervos têm fibras e desde que elas vibram... vê, olho alguma coisa, assim, e elas vibram, essas fibras... e assim que elas vibram forma-se uma imagem, não imediatamente, mas ao fim dum instante, dum segundo, e forma-se um

momento, isto é, não um momento — que o diabo o leve! — mas um objeto ou uma ação; eis como se efetua a percepção, o pensamento vem em seguida... porque tenho fibras, e não porque tenho uma alma e fui criado à imagem de Deus; que bobagem! Mikhail explicava-me isto, ainda ontem, e enchia-me de ardor. Que bela coisa a ciência, Aliócha! O homem se transforma, compreendo-o... No entanto, lamento Deus!

— Já é uma boa coisa — disse Aliócha.

— Lamentar eu Deus? A química, irmão, a química! Não há nada a fazer. Vossa Reverendíssima, afaste-se um pouco, é a química que passa! Rakítin não ama Deus. Oh! não, não o ama! É o ponto fraco deles todos! Mas ocultam-no, mentem. "Pois bem! Exporás essas ideias na rubrica da crítica?", perguntei-lhe. "Não, não me deixarão fazê-lo", continuou ele, rindo. "Mas então, que se tornará o homem, sem Deus e sem imortalidade? Tudo é permitido, por consequência, tudo é lícito?" "Não o sabias? Para um homem de talento, tudo é permitido, sabe sempre tirar-se de apertos. Mas tu, tu mataste, tu te deixaste apanhar e agora apodreces em cima da palha." Eis o que ele me disse, o porco. Outrora, punha para fora indivíduos como esse, agora os escuto. Aliás, diz ele coisas sensatas e escreve bem. Começou, há oito dias, a ler-me um artigo; tomei nota de três linhas, espera, ei-las.

[...]

— (...) Meu irmão, senti nascer em mim, desde minha prisão, um novo ser; um homem novo ressuscitou! Existia em mim, mas nunca se teria revelado se o rato não o tivesse atingido. Que me importa a mim cavoucar durante vinte anos nas minas? Isto não me amedronta, mas temo outra coisa agora: que esse homem ressuscitado se retire de mim! Pode-se encontrar também nas minas, em um forçado e em um assassino, um coração de homem e entrar em entendimento com ele, porque ali também se pode amar, viver e sofrer! Pode-se reanimar o coração entorpecido de um forçado, cuidar dele, trazer afinal da cova para a luz uma alma grande, regenerada pelo sofrimento, ressuscitar um herói! Ora, há centenas deles e somos todos culpados para com eles. Por que pensei então no nenê, em tal momento? Era uma profecia. Irei por causa do nenê. Porque todos são culpados para com todos. Todos são nenês, há crianças grandes e pequenas. Irei por causa delas, é preciso que alguém se devote por todos. Não matei meu pai, mas aceito a expiação. Foi aqui, entre estas paredes degradadas, que tive consciência de tudo isso. Há muitos, centenas sob a terra, de martelo na mão. Sim, estaremos acorrentados, privados de liberdade, mas em nossa dor ressuscitaremos para a alegria, sem a qual o homem não pode viver nem Deus existir, porque é ele que a dá. Este é o seu grande privilégio. Senhor, que o homem se consuma na oração! Como viverei sob a terra sem Deus? Rakítin mente; se expulsam Deus da terra, nós o reencontraremos sob a terra! Um forçado não pode passar sem Deus, ainda menos que um

homem livre! E então nós, os homens subterrâneos, cantaremos das entranhas da terra um hino trágico ao Deus da alegria! Viva Deus e sua alegria divina! Eu o amo! Ao declamar essa tirada estranha, Mítia estava quase sufocado. Empalidecera, seus lábios tremiam, lágrimas lhe corriam dos olhos. — Não, a vida está cheia, a vida extravasa mesmo sob a terra! Não podes crer, Aliócha, como quero viver agora, a que ponto a sede da existência apoderou-se de mim, precisamente entre estas paredes degradadas! Rakítin não compreende isto, só pensa em construir uma casa, em pôr nela locatários, mas eu te esperava. Que é o sofrimento? Não o temo, fosse ele infinito. Outrora o temia. Pode acontecer que não responda a nada no tribunal... Com a força que sinto em mim, creio-me em condições de dominar todos os sofrimentos, contanto que possa dizer a mim mesmo a cada instante: existo! Em meio dos tormentos, crispado pela tortura, existo! Amarrado ao pelourinho, existo ainda, vejo o sol, e, se não o vejo, sei que ele luz. E saber isto é já toda a vida. Aliócha, meu querubim, a filosofia me mata, que o diabo a leve! Nosso irmão Ivã...

— Que há com Ivã? — interrompeu Aliócha, mas Mítia não ouviu.

— Vês, outrora, não tinha todas essas dúvidas, ocultava-as dentro de mim. Foi justamente talvez porque ideias desconhecidas referviam em mim que eu me embriagava, batia-me, arrebatava-me; era para dominá-las, esmagá-las. Nosso irmão Ivã não é como Rakítin, oculta seus pensamentos; é uma esfinge, cala-se sempre. Mas Deus me atormenta, não penso senão nisso. Que fazer se Deus não existe? Rakítin tem razão de pretender que é uma ideia forjada pela humanidade? Neste caso, o homem seria o rei da terra, do universo. Muito bem! Somente, como será ele virtuoso sem Deus? Pergunto a mim mesmo. Com efeito, a quem amará o homem então? A quem cantará hinos de reconhecimento? Rakítin ri, diz que se pode amar a humanidade sem Deus. Aquele fedelho pode afirmar isso, eu não posso compreendê-lo. A vida é fácil para Rakítin: "Ocupa-te antes", dizia-me hoje, "com estender os direitos cívicos ou impedir a alta da carne; dessa maneira, servirás. melhor a humanidade e a amarás mais que com toda a tua filosofia". Ao que lhe respondi: "Tu mesmo, não acreditando em Deus, elevarás o preço da carne se houver oportunidade, e ganharás 1 rublo em vez de 1 copeque". Zangou-se. Com efeito, que é a virtude? Responde-me, Alieksiéi. Não me represento a virtude como um chinês, é pois uma coisa relativa? Ou então, não é relativa? Questão insidiosa! Não rirás se te disser que isto me impediu de dormir durante duas noites? Admira-me que se possa viver sem pensar nisto. Vaidade! Para Ivã, não há Deus. Ele tem uma ideia. Uma ideia acima de meu alcance. Mas não a diz. Penso que ele é franco-maçom. Interoguei-o, não me deu resposta. Teria querido beber da água de sua fonte, ele se cala. Uma vez somente falou. — Que disse? — Perguntava-lhe: "Então, tudo é permitido?" Ele franziu a testa: "Fiódor Pávlovitch, nosso pai", disse ele, "era um porco, mas raciocinava certo". Eis suas palavras. É mais claro que Rakítin.

[...]

Quarta parte – Livro XI: O irmão Ivan Fiódorovitch

VIII. A TERCEIRA E ÚLTIMA CONVERSA COM SMIERDAKÓV

[...]

— Tome este dinheiro — disse ele suspirando.

— Decerto que o tomo! Mas por que mo dás, uma vez que mataste para obtê-lo? — E Ivã observou-o com estupefação.

— Não tenho mais necessidade dele — disse Smierdiákov, com voz trêmula. — Pensava a princípio, com este dinheiro, estabelecer-me em Moscou, ou mesmo no estrangeiro, era meu sonho, pois que tudo é permitido. Foi o senhor quem, com efeito, me ensinou isso e muitas vezes explicou-o: se Deus não existe, não há virtude e ela é inútil. Raciocinei assim.

— Chegaste a isso sozinho? — perguntou Ivã, com um sorriso constrangido.

— Sob a influência do senhor.

— Então tu crês em Deus, agora, pois que entregas o dinheiro?

— Não, não creio nele — murmurou Smierdiákov.

— Por que então o entregas?

— Deixe isso! — cortou Smierdiákov num gesto de lassidão. — O senhor mesmo repetia então que tudo é permitido. Por que está tão inquieto agora? Quer mesmo denunciar-se? Mas não há perigo! O senhor não irá! — afirmou ele, categórico.

— Haverás de ver!

— É impossível. O senhor é demasiado inteligente. Ama o dinheiro, eu o sei, as honras também, porque o senhor é muito orgulhoso, é doido pelo belo sexo, ama acima de tudo viver à sua vontade e independente. Não haverá de querer estragar toda a sua vida, atraindo sobre si tal ignomínia. De todos os filhos de Fiódor Pávlovitch é o senhor aquele que mais se lhe assemelha, é a mesma alma.

[...]